

O papa em nossa casa

11 MAI 2007

JORNAL DO BRASIL



José Sarney,
ex-presidente da
República, senador e
integrante da Academia
Brasileira de Letras

É MUITO DIFÍCIL SER PAPA depois de João Paulo II. Este teve uma grande cumplicidade com a história. Antes de tudo, foi o primeiro papa a viver a sociedade de informação, capaz de ser visto e acompanhado por todos e em todo lugar. Segundo, teve de atravessar o tempo da Guerra Fria que levava o mundo à beira da catástrofe nuclear. Terceiro, lhe coube executar as reformas do Concílio Vaticano II, que provocou uma tempestade na Igreja, e resolver o conflito ideológico com a Teologia da Libertação.

O atual papa vive uma só e irresoluta dificuldade: ser sucessor de João Paulo II. Quando escolheu o título de Bento XVI, quase que ele quis dizer isso. Bento XV foi escolhido cardeal três meses antes do seu antecessor morrer,

num sinal claro de que devia sucedê-lo. João Paulo II, também, fez sua escolha. Ratzinger foi o intérprete de suas idéias, firme na pregação de uma igreja voltada para

O atual papa vive uma só e irresoluta dificuldade: ser sucessor de João Paulo II

seus valores espirituais, o guardião da tradição, do código moral de Moisés, da pregação do Cristo e do radicalismo de São Paulo.

O papa Bento trabalha numa estrada estreita. A Igreja é, mes-

mo às vezes contra nossa vontade, oferta de um caminho para encontrar-se aquilo que o nosso visitante disse, quando lhe perguntaram sobre as seitas e seu crescimento: "Uma sede por Deus, pela proximidade de Deus". Ele reconhece que a Igreja Católica não é mais a única fonte para matar a vontade de beber.

Mas a Igreja por definição tem de ser conservadora, no sentido de que vive de um código moral, canônico, que ela tem de defender, embora com os tempos a sociedade não o aceite integralmente, considerando muitos de seus valores anacrônicos e irracionais. É seu dever. A Igreja política não deu certo. A Igreja revolucionária em armas não é a Igreja de idéias de Bento e João Paulo.

A "sede de Deus" vem da von-

tade do homem em ser imortal, vontade jamais alcançada e por isso mesmo chamada por Unamuno de "sentimento trágico". A proposta do Cristo foi a imortalidade da alma, nossa fé.

O papa é um símbolo para todos nós, e o Brasil, no calor e no carinho com que o recebe, mostra o prestígio da nossa Igreja, de seu episcopado e de todos os que exercem a missionária tarefa de evangelizar.

Não devemos recebê-lo com cobranças que ele não pode atender. O papa lida com a eternidade. A Igreja já avançou quando escondeu o diabo e flexibilizou (palavra da moda) o pecado.

Assim, louvemos Frei Galvão, santo brasileiro, esperemos Santa Irmã Dulce e que não demore mais: São João Paulo II.